

ACADEMIA FRANCESA (James Anthony Froude)

“... devemos dizer algumas palavras sobre a história da Academia Francesa. Em 1629, em Paris, sete ou oito cultores da literatura constituíram uma pequena associação, reunindo-se uns em casa dos outros, para discutirem assuntos literários. Suas reuniões despertaram comentários que chegaram aos ouvidos do Cardeal Richelieu, então ministro e todo-poderoso. Ele, por sua vez, nutria nobre paixão pelas letras e por todos os assuntos de boa cultura; interessou-se logo pelo que ouviu dizer da nascente associação. Sendo, ele próprio, um personagem em grande estilo, mais talvez do que nenhum outro homem, teve a visão bastante para perceber quão poderoso instrumento de grande estilo teria agora em suas mãos.

Era o começo de um grande século para a França, o século XVII; inteligências que trabalhavam, a língua francesa que se formava. Richelieu mandou saber dos membros da novél associação se desejariam tornar-se uma instituição de ordem pública, realizando reuniões regulares. Não sem pequena hesitação - pois naturalmente se sentiam muito bem como estavam, e esses sete ou oito cavalheiros, de alta condição social e literária, não se sentiam muito certos do que deles poderia desejar o grande e terrível ministro - consentiram. Os favores de um homem como Richelieu não podem ser facilmente recusados, sejam quais forem as suas intenções; mas, dessa vez, os favores de Richelieu traziam uma intenção perfeitamente honesta. O Parlamento, entretanto, tinha suas dúvidas a respeito. O Parlamento não partilhava do entusiasmo de Richelieu pelas letras e pela cultura; teve ciúmes da criação de uma nova instituição pública no Estado, mormente em se tratando de uma instituição criada por Richelieu. A carta patente real, que instituía e autorizava a nova associação, havia sido outorgada em 1635; mas, por força da antiga constituição da França, tais cartas-patentes exigiam a confirmação do Parlamento. Somente dois anos e meio depois - no outono de 1637 - foi que o Parlamento a confirmou, e, isso mesmo, só mediante insistentes solicitações e

sérias garantias de suas inocentes intenções por parte da jovem Academia. Pessoas de espírito afirmavam que a Academia, com a sua missão de purificar e embelezar a língua, aterrorizava uma corporação de leguleios tal como o Parlamento Francês, baluarte dos barbarismos linguísticos e da chicana.

O aperfeiçoamento da linguagem constituía na verdade o grande objetivo declarado das atividades da Academia. Seus estatutos expressamente rezavam: "A função primordial da Academia será a de trabalhar com todo o desvelo e diligência para dar regras seguras à nossa língua, tornando-a pura, eloquente e capaz de tratar das artes e das ciências". Semelhante zelo em tornar correto e digno o grande órgão do pensamento de uma nação - a sua língua - constitui sem dúvida sinal plenamente promissor, sólido penhor de futuro poderio. Afirma-se que Richelieu tinha em mente a idéia de que o francês viesse a suceder o latim na sua ascendência universal, da mesma forma que o latim havia sucedido ao grego; a ser isto verdade, também esse desejo foi até certo ponto realizado.

("Influência literária das Academias",
em **Ensaístas ingleses**, pp. 286-287.
Trad. J. Sarmiento de Beires. Rio de
Janeiro, Jackson, 1964. Clássicos
Jackson, vol. 27).